

Um encontro com a Petersburgo de Dostoiévski

Gabriella de Oliveira Silva¹

De um dia para outro, transportei-me do calor de 40 °C da cidade de, ironicamente, Queimados, para os -20°C da gelada São Petersburgo. A primeira visão da Rússia que tive da janela do avião: as simbólicas bétulas na neve. “Como eu vim parar aqui?” se repetia na minha cabeça o tempo todo. Parecia que o espírito fugaz do poema de Fiódor Tiútchev – *Olhava eu, de pé sobre o Nievá*² – havia feito o caminho contrário de seus versos e me levado do quente Sul para o Norte feiticeiro e frio.

Na antiga Leningrado, a neve derrete e recongela, formando verdadeiras armadilhas glaciais pelas calçadas. Depois de mais de dez tombos em menos de uma semana, comecei a entender a obsessão de alguns escritores russos, como Daniil Kharms, em escrever sobre pessoas que caem. Também comecei a entender melhor a fala de Svidrigáilov, de *Crime e Castigo*, sobre as influências estranhas e climáticas que abatem a alma em São Petersburgo, tornando-a uma cidade de semiloucos³. Em uma semana, sem o sol que de repente me pareceu tão saudoso, já me encontrava em profunda tristeza e estranhamento, falando sozinha e andando sem saber por onde. Quase como Raskólnikov, com a diferença que o sol ardia sobre a cabeça deste. Mas, como saudavam o Sonhador de *Noites Brancas*⁴, os prédios da

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura na UFRJ e Bolsista do CNPq.

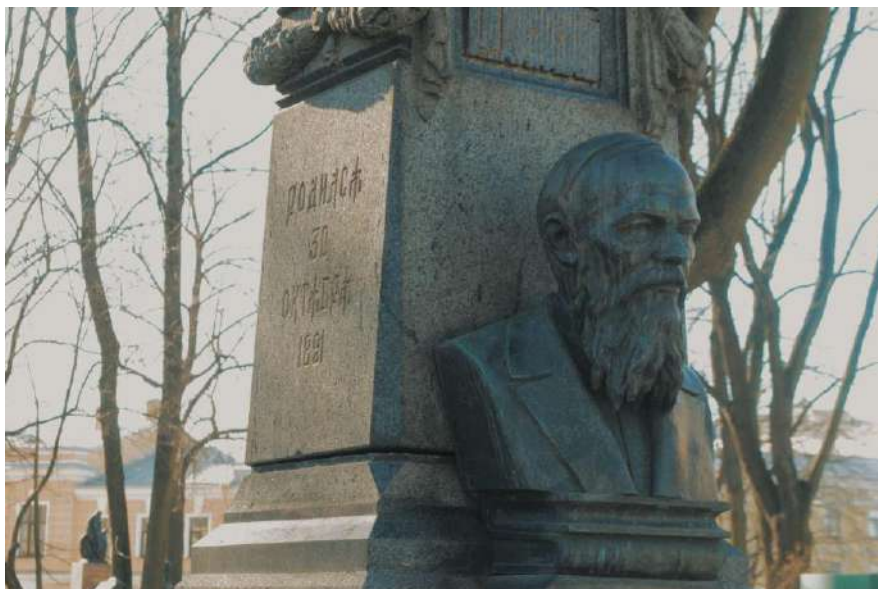
² Em russo, «Глядел я, стоя над Невою...» [Gliadiel iá, stoiá nad Nievoi...]. Disponível em: <https://www.ruthenia.ru/tiutcheviana/stihi/bp/134.html>

³ DOSTOIÉVSKI, F. *Crime e Castigo*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2001, p. 476.

⁴ Idem, *Noites Brancas*. Tradução de Nivaldo dos Santos. São Paulo: 34, 2009, p. 12.

avenida Niévski e arredores começaram também a me cumprimentar e eu já não era de todo uma estranha.

Ainda no inverno, aproveitei um raro dia de sol para fazer um passeio lúgubre e visitar o próprio Dostoiévski. Seu endereço eterno é no cemitério Tíkhvin, localizado no Monastério Aleksandr Niévski, na avenida homônima, na ponta oposta ao rio Nievá.



Na foto, um raio de sol aponta para o dia do seu nascimento: 30 de outubro de 1821, no calendário juliano. O que seria 11 de novembro no calendário atual. Procuo omitir essa informação dos mais desavisados, para parecer que nascemos quase no mesmo dia - ele, dia 30, e eu, dia 31. Claro, com mais de um século e meio de diferença.

Naturalmente, seu corpo já se decompôs há muito tempo, mas é possível sentir a sua alma nos lugares de Petersburgo onde se desenrolam os eventos de suas obras. Afinal, como protestou Behemoth, de *O Mestre e Margarida*, Dostoiévski é imortal⁵. Quando se atravessa a rua Sadôvaia, depois do Gostíni Dvor, na altura do número 28, até a Praça Siennáia, ao passar por diversas lojas de produtos de qualidade duvidosa, amontoadas em pátios sujos de lama invernal, é

⁵ BULGÁKOV, M. *O Mestre e Margarida*. Tradução de Irineu Franco Perpetuo. São Paulo: 34, 2017, p. 353.

impossível não lembrar da Petersburgo das pessoas simples e miseráveis descritas por ele.

Mas pulemos para o verão. Quase 30 °C na rua, ônibus com as janelas fechadas e sem ar-condicionado. Depois de um cochilo, poderia pensar, levemente desnorçada, que já havia voltado para o Rio de Janeiro. Mas estamos na já mencionada praça Siennáia, atravessada muitas vezes por Raskólnikov e onde ele, instruído por Sônia Marmieládova, ajoelhou-se e beijou a terra suja e por ele profanada⁶. De lá, atravessamos a Sadôvaia, viramos à esquerda na Travessa Grivtsov e, de novo, à esquerda na marginal do canal Griboiêdov. Seguimos para a esquina da Grajdánskaia, 19, com a Travessa Stoliarni, 5, e temos um prédio no qual Dostoiévski alugou um quarto certa vez. No último andar, acredita-se que ficava o cubículo de seis passos de comprimento de Raskólnikov, com o papel de parede amarelado e desgastado, e que mais parecia um armário.



Alguns pesquisadores discutem se esse é mesmo o endereço de Raskólnikov, já que o prédio não possui cinco andares, como no

⁶ DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 534.

romance, mas quatro. Mas dizem que Dostoiévski, às vezes, mudava o número de andares dos prédios e trocava seus endereços.



Hoje, além das pequenas placas de mármore indicando a altura da água na inundação de 1824, que inspirou Aleksandr Púchkin a escrever o poema *O Cavaleiro de Bronze*, há uma escultura de Dostoiévski e uma placa de granito com a inscrição “Casa de Raskólnikov”.



Dmitri Likhatchov e Daniil Granin seriam os autores dos dizeres que a acompanham: “Os destinos trágicos das pessoas desta área de Petersburgo serviram a Dostoiévski como base para sua pregação apaixonada do bem para toda a humanidade”.

De lá, seguimos para onde Raskólnikov caminhou meio indeciso e lentamente nas primeiras linhas de *Crime e Castigo*: para a ponte Kokúchkin. É só seguir reto a Stoliárni por dois quarteirões em direção ao Canal Griboiédov.



Escolhi especialmente um dia quente e abafado de junho para essa caminhada, conforme os primeiros momentos do romance em que vemos Raskólnikov com os nervos abalados pelo calor e pelo mau cheiro de verão. No entanto, este último, no século atual, já está controlado, e já não posso dizer que meus nervos foram abalados da mesma forma.

Pulamos algumas páginas do romance e chegamos ao dia em que Raskólnikov está indo provar para si mesmo que é um homem extraordinário. No caminho para a casa da velha usurária, ele passou pela mesma ponte. Andou alguns metros na rua Sadôvaia e passou ao

lado do Jardim de Iussúpov, onde, olhando para as fontes lá instaladas em 1863, ficou divagando sobre a instalação de altas fontes que poderiam refrescar o ar no verão em todas as praças da cidade⁷. Realmente, o lugar deveria parecer um oásis para Raskólnikov no meio daquela região quente, suja, cheia de cal e poeira na época.



Em seguida, Raskólnikov entrou na avenida Rimski-Kórsakov. De seu cubículo até a casa de Aliona Ivánovna, Raskólnikov calculou 730 passos⁸. Não pude conferir, pois me perdi. Há três versões de

⁷ DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 87.

⁸ DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 21.

endereços da velha usurária discutidas por pesquisadores - a mais aceita fica no número 104 da Marginal do canal Griboiêdov (cujo prédio também ocupa o número 25 da Rimski-Kórsakov e o número 15 da Sriédniaia Podiatcheskaia), onde o próprio escritor Aleksandr Griboiêdov teria morado; a segunda, no número 26 da rua Kazánskaia (cujo prédio também ocupa o número 51 do canal Griboiêdov); e a terceira, no número 60 da rua Kazánskaia (cujo prédio também ocupa o número 18 da Travessa Fonárni e o número 83 do canal Griboiêdov). Enfim, ficava em algum lugar do canal Griboiêdov. A questão é que, pelo visto, eu não encontrei nenhum desses endereços na minha caminhada. De fato, se há uma semelhança entre mim, Raskólnikov e o Sonhador de *Noites Brancas*, é a incapacidade de lembrar das ruas por onde passei. No meio das minhas fotos, há um prédio que eu acreditava ser o endereço da velha usurária. Fica aqui como ilustração



Olhando pelo lado positivo, há muitos prédios semelhantes em São Petersburgo, e essa entrada para o pátio do prédio é muito parecida com a do número 104 do canal Griboiêdov, por onde Raskólnikov teria saído após o assassinato.

Depois de assassinar a velha usurária e sua irmã, Raskólnikov levou ainda um tempo para decidir onde esconder os objetos roubados. Pensou em jogar tudo no canal Iecaterina, no rio Nievá. Mas acabou colocando debaixo de uma pedra em um pátio, perto de um galpão onde funcionaria uma oficina de carpintaria⁹. O endereço foi mostrado pessoalmente por Dostoiévski à esposa, Anna Grigórievna: avenida Vozniessiénski, 3-5. Do cubículo de Raskólnikov, era só seguir da Grajdánskaia, virar à esquerda na Vozniessiénski e andar em direção ao rio Moika. Mais uma decepção para os meus leitores: não tenho uma foto do referido pátio. Mas a boa notícia é que há muitos pátios parecidos em São Petersburgo, como o da foto abaixo. Como não há limites para a imaginação, vamos fingir juntos que, afinal, o pátio é este:



Páginas depois, Raskólnikov está novamente na Vozniessiénski, mas na ponte de mesmo nome, no cruzamento com o canal Griboiêdov. Lá está ele, com os cotovelos apoiados no parapeito, olhando para o reflexo rosado do sol que se punha, os prédios, janelas, transeuntes, até

⁹ DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 121.

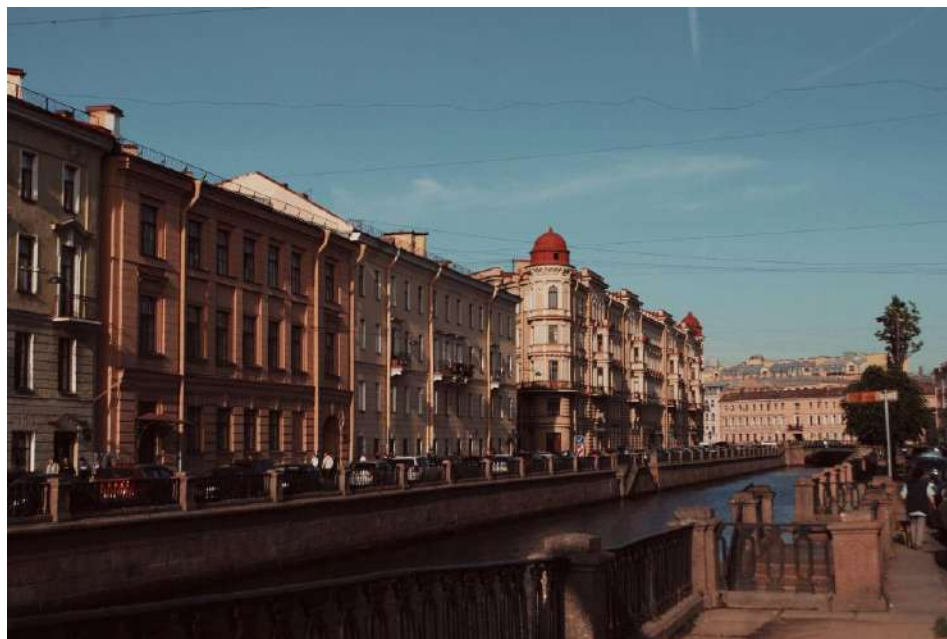
que tudo começou a girar diante dos seus olhos. Ao lado dele, joga-se no canal Afrossíniuchka a suicida frustrada. Pouco depois, é salva por um policial. Raskólnikov, apático e talvez um potencial suicida, fala consigo mesmo: “não vale a pena”¹⁰.



A mesma ponte é o cenário daquela que, para mim, é a passagem mais triste do romance - logo após a morte de Marmieládov, Catierina Ivánovna enlouquece e obriga os filhos a cantar e dançar em troca de esmolas. Esse foi o único lugar em que me senti transportada de verdade para o romance. Da ponte, ainda era possível ouvir as crianças chorando, as pessoas se amontoando, a voz rouca de Catierina Ivánovna tentando entoar *Cinq sous* e o sangue jorrando de sua garganta tísica¹¹.

¹⁰ DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 182-183.

¹¹ Ibidem, p. 436-441.



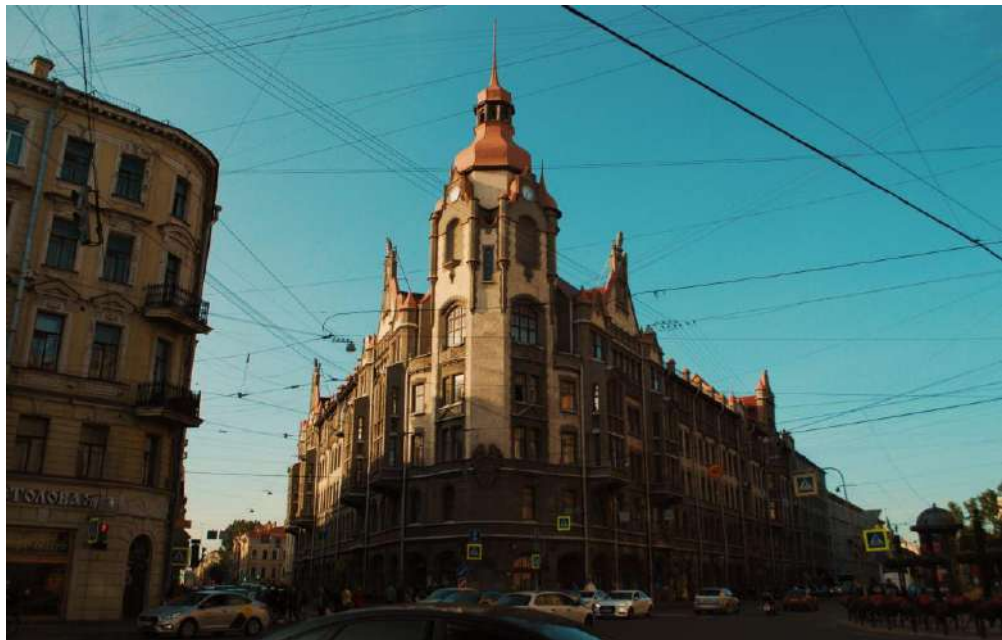
Bem perto da ponte, morava Sônia Marmieládova. Acredita-se que tenha sido o primeiro prédio amarelo (no romance, era verde) da imagem acima, da esquerda para a direita. É o número 73 da marginal do Canal Griboiêdov, na esquina com a rua Kaznatchéiskaia. No romance, o prédio tem apenas três andares, enquanto esse tem quatro.



Não sei dizer se foi uma informação trocada proposadamente por Dostoiévski ou se o prédio sofreu reformas ao longo dos anos. Mas ele possui o mesmo ângulo obtuso que formava um dos cantos do

quarto de Sônia e as janelas viradas para o canal¹². No pobre e feio quarto com papel de parede desbotado, Raskólnikov se inclinou diante não só de Sônia, mas de todo sofrimento humano. E o assassino e a meretriz leram juntos a passagem da Bíblia sobre a ressurreição de Lázaro¹³. Para alguns, um dos momentos mais bonitos da literatura. Para Vladímir Nabókov, uma tremenda bobagem¹⁴.

No mesmo prédio, a oito passos de Sônia, morava Svidrigáilov. Com ele, Raskólnikov se encontrou pela última vez e ouviu sua confissão¹⁵ na taberna Palácio de Cristal, que ficaria no segundo andar do número 55-57 da rua Sadôvaia. Do prédio de Sônia e Svidrigáilov, é só andar o canal até a ponte Vozniessiénski, atravessá-la e seguir na avenida de mesmo nome até a esquina com a rua Sadôvaia. Na época de Dostoiévski, havia um hotel no prédio, *Palais de Cristal*. Lá, ele teria lido o caso do assassinato de uma velha no jornal. Raskólnikov passapor lá algumas vezes e, em uma delas, chegou a exclamar: “Bah! O palácio de cristal!”¹⁶.



¹² DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 325-326.

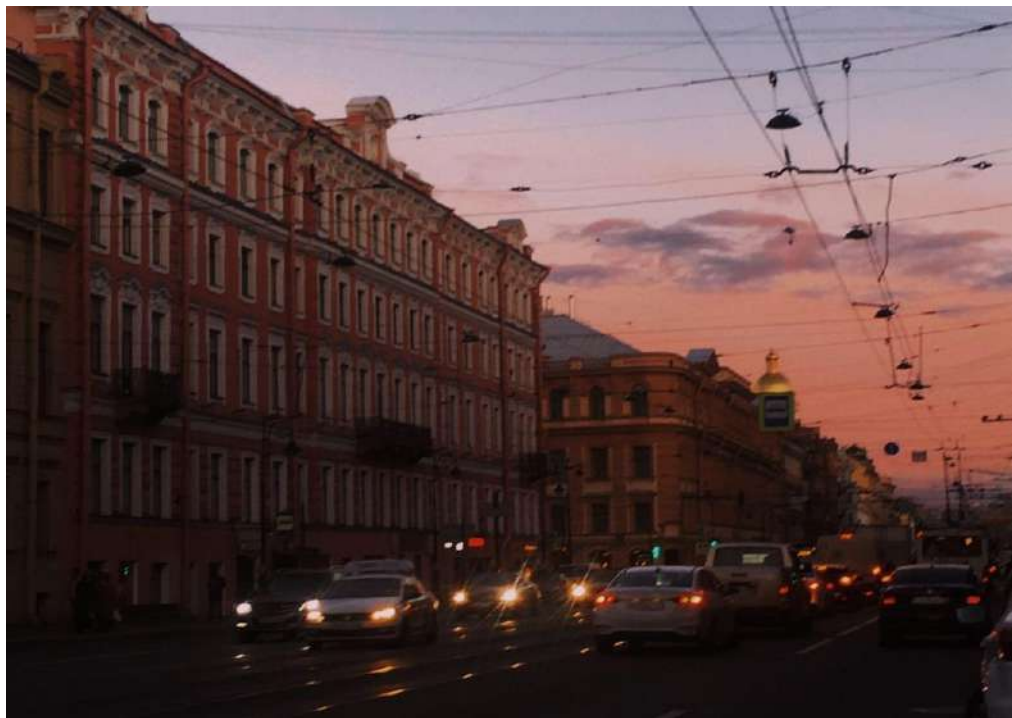
¹³ *Ibidem*, p. 332-337.

¹⁴ NABOKOV, V. *Lições de literatura russa*. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Três Estrelas, 2014, p. 156.

¹⁵ DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 473-494.

¹⁶ *Ibidem*, p. 172.

Assim como Dostoiévski finaliza seu romance com um epílogo pouco convincente para alguns, encerraremos essa parte do texto sobre Crime e Castigo e faremos uma transição abrupta. Mas não seguiremos para a Sibéria. Agora daremos um pequeno passeio extra por outro romance com um protagonista muito diferente: *O Idiota*. Infelizmente, não tão informativo em relação a cada lugar em que se desenrola o enredo, mas o suficiente para nos deleitarmos um pouco mais com as belezas de São Petersburgo. Logo no início do romance, Rogójin, que morava na Gorókhovaia, perto da Sadóvaia, desceu do trem em direção à avenida Vozniessiénski, enquanto o príncipe Míchkin dobrou para a avenida Litêinni¹⁷. Para chegar lá de onde estávamos, é só seguir a rua Sadôvaia até a avenida Niévski, virar à direita em direção ao rio Fontanka, depois virar à esquerda um quarteirão depois da ponte Anichkov. A imagem abaixo é da altura do número 64.



¹⁷ DOSTOIÉVSKI, F. *O Idiota*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2002, p. 33.

O príncipe estava seguindo para a casa da generala Iepántchina, que ficava bem perto da Litêinni, mais perto da Igreja da Transfiguração¹⁸, já visível na altura do número 22, no cruzamento com a rua Pestelia. Muitas páginas depois, ao voltar de Moscou, o príncipe ficou novamente perto da avenida Litêinni, em um hotel¹⁹. Esse momento do romance se dá no início do verão, em junho, coincidindo com a época em que a foto anterior foi tirada. Nesse período, começa o fenômeno das noites brancas, nas quais o sol praticamente não se põe - desce por volta das 22h, 23h e sobe novamente por volta das 02h. Ao final desses dias quase eternos, é comum o céu se pintar de belíssimos tons rosados. O príncipe Míchkin estava perambulando em um desses dias encantadores por Petersburgo, parando em cruzamentos, praças, pontes, padarias... olhava para quem passava com curiosidade, ao mesmo tempo que sentia necessidade de ficar sozinho²⁰. Petersburgo realmente traz esse efeito para alma, como se fosse uma moça estonteante e hipnotizante, que puxasse sua atenção só para ela, para suas ruas, prédios, pontes, rios.

Havia um movimento migratório para o campo no verão, deixando as pessoas que não tinham condições nem datchas sentindo-se abandonadas em Petersburgo, como, por exemplo, o Sonhador de *Noites Brancas*. Ao descobrir que quase todos os personagens do romance se foram para Pávlovsk passar o verão em suas *datchas*, o príncipe, já com condições financeiras, também aluga uma com Liébediev e pega um trem para lá. A estação Nikoláievskaia, hoje Moskóvskaia, fica no cruzamento entre a avenida Niévski e a avenida Lígovski. Na imagem abaixo, é o prédio captado parcialmente na ponta direita.

¹⁸ DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 34.

¹⁹ *Ibidem*, p. 225.

²⁰ *Ibidem*, p. 261.

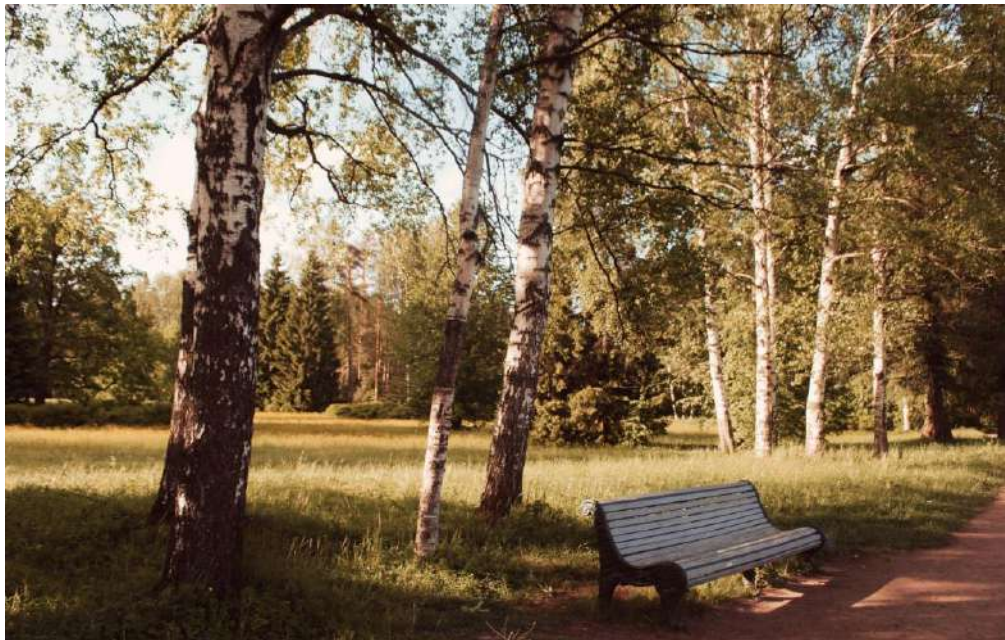


Chegando em frente à estação de Pávlovsk, já damos de cara com o parque e entendemos os adjetivos “sublime”, “verde” e “musical” que Liébedev emprega para descrever esse arrabalde de Petersburgo²¹.



²¹ DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 238.

Também entendemos por que os petersburguenses fogem para lá no verão. O lugar é agradabilíssimo, um frescor. Quando fui, não havia concertos como no romance, mas havia o farfalhar das folhas das árvores, a risada das crianças se divertindo com os esquilos do parque. Se este fosse o cenário de *Crime e Castigo*, com o clima refrescante, talvez Raskólnikov não tivesse tomado os rumos que tomou.



Em um desses bancos do parque, o príncipe Míchkin se encontrava com Aglaia Ivánovna, quando os leitores se iludiam com a esperança de que ele poderia ser feliz. Ainda é possível ouvir Nastácia Filíppovna perguntando: “Tu és feliz?”²².

Voltando para Petersburgo, da estação Moskóvskaia seguiremos para a Niévski. Depois, viraremos à esquerda na rua Marata, seguiremos até a Travessa Kuznietchni e viraremos à direita. No número 5/2, na esquina com a rua Dostoiévski, temos o último prédio onde o escritor morou e onde faleceu. Hoje, um museu. O último ponto do nosso passeio.

²² DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 512.

Um relógio com calendário ainda está parado no momento de sua morte, no dia 28 de janeiro pelo calendário juliano. Uma quarta-feira, no ano de 1881.

De todo o rico acervo do museu, o que mais me tocou foi uma velha caixa de rapé com a mesma data de sua morte e os dizeres “papai morreu”. Quem escreveu foi a filha de Dostoiévski, Liubóv - o nome russo para “amor”. Uma tragédia contada de modo simples e infantil, uma vida encerrada em uma caixa de rapé.



A viagem chegou ao fim. Despedir-me do Cavaleiro de Bronze, do rio Nievá, das noites brancas e da avenida Niévski, onde o “próprio demônio parece acender as luzes a fim de tudo mostrar sob uma luz irreal”²³, foi um dos momentos mais dolorosos da minha vida. Mas, como pensou o Sonhador, não teriam sido esses momentos de júbilo o bastante para uma vida inteira?²⁴

²³ GÓGOL apud BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A Aventura da Modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: 1986, p. 193.

²⁴ DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 82.